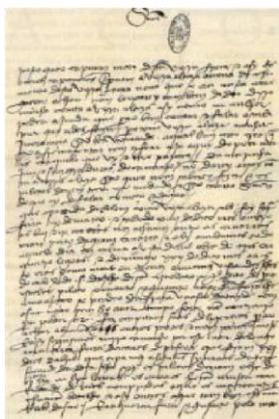


E-mails de Pero Vaz de Caminha ao Presidente de Portugal – nos 500 anos de Brasil

“Psicografados” por
Ercília Macedo-Eckel



Excelência:

Sei que o Capitão deste navio e outros dignitários já lhe telefonaram, mandaram-lhe fax e enviaram-lhe e-mails comentando nossos feitos nesta viagem. Também eu, apesar de ser o pior de todos, atrevo-me a digitar-lhe algumas miudezas. Alongar-me-ei bastante nas notícias e informações. Por isso darei conta do que nesta terra vi através de e-mails numerados, como se capítulos fossem, conforme os fatos ocorreram e ainda ocorrerão. Para maior clareza, evito abreviar as palavras, como é hábito na comunicação eletrônica.

1 Na chegada, soubemos de uma réplica da nau do Achamento e que não consegui zarpar para a festa dos 500 anos. Assim, seguimos de longo, até lançarmos âncoras defronte à boca suja de um rio (22 abr., sábado-de-aleluia). O lugar parecia deserto. Mas logo percebemos a aproximação de homens e mulheres em grupos de dois, de três, até chegarem dezoito ou vinte pessoas com pouca coisa cobrindo-lhes as vergonhas. Não por falta de pano; creio que por opção ou por orgulho exacerbado de exhibir suas partes pudicas.

Dia vai, noite vem e de engodo em engodo, de troca em troca de gentilezas, o Capitão e seus subordinados conseguiram angariar a simpatia, a curiosidade e a colaboração de aproximadamente setenta homens ali, na praia. Inclusive dos catadores de caranguejo no mangue mais abaixo.

Um nativo, descendente de pataxó, veio mais perto e fixou o olhar no celular do Piloto que estava a bordo e acenou para seu próprio celular, com câmara e música digitais, querendo dizer que também conhece tecnologia avançada de branco e nela se acha inserido. Logo em seguida aproximou-se outro nativo e apontou para o laptop e para a filmadora que estavam entre mim e Nicolau Coelho e falou em mauportuguês, como se fosse um japonês há pouco chegado em São Paulo: “Nós viu já. Nós conhece essas coisa de Japon, de China _ lá de Ásia. Toda banda aqui. Meu filho na universidade. Muntcho bom no computador. Cota de governo ajuda nós”.

2 Ainda hoje, sábado 22, aqueles descendentes de pataxóse vários outros, inclusive mulheres e crianças, provavelmente da mesma aldeia, chegaram embarcos a motor, com os corpos pintados, munidos de carabinas, arcos e flexas. Falavam nervosos entre si. Nicolau dirigiu-se até eles, fez sinal de calma e que se assentassem na areia, ao que aquiesceram. Porém, logo se levantaram e começaram a tocar buzinas, saltando e dançando. Alguns tinham miquinhas nos ombros ou no alto da cabeça.

Os tripulantes do navio ofereceram-lhes vinho e cachaça. Os nativos correram para cima das bebidas com entusiasmo, quase atropelando uns aos outros. Bebiam, bochechavam, deixavam cair um pouco de líquido no chão, dizendo que era para os deuses deles. Suponho que por gratidão alguns índios enfeitaram o Capitão com colares e pulseiras feitos com sementes das árvores que aqui ainda restam. Nisto saiu Bartolomeu Dias com os olhos voltados para o céu, à procura de papagaios. Mais adiante se encontrou com um guia turístico rural de quem recebeu a seguinte informação:

Os papagaios que mais voam neste país são aqueles de criança, presos por cordel; ou notas promissórias nas quais há promessa de pagar dívidas. Não se sabe quando! E talvez quem as liquide seja o avalista. Papagaios!

1 Excelência, creia que nada lhe digitarei para impressioná-lo, além do que vejo e ouço. Das várias espécies de laranja existentes nesta terra não darei conta aqui. Porém uma me chama a atenção em particular por não ser fruta. Trata-se de uma pessoa ingênua ou insignificante usada por corruptos ou endinheirados para esconder falcatruas. Então orientamos nossos degredados e gente chã da tripulação para ficarem atentos. E não darem valia às piadinhas a respeito de nossa inteligência.

Ao amanhecer hoje, domingo de Páscoa (23), ninguém pôde ir muito longe por terra, porque a praia estava apinhada de gente de todas as cores. E os marinheiros que arriscaram lançar rede no mar, puxaram-na de volta com quase nada de peixe _ coisa miúda. Mesmo assim umarrastão de famintos tomou-lhes a rede, os peixinhos, os relógios de pulso e saiu em debandada carreira, até ganhar as ruas de Porto Seguro.

Este incidente me fez lembrar pirataria (apátrida – não curso que tem pátria), porque aqui os membros do arrastão se comportam como inimigos dos conterrâneos e de pessoas de qualquer país que aqui chegam. Os mais elitizados, Excelência, reproduzem programações eletrônicas, filmes, DVDs, brinquedos, remédios e grifes famosas a baixos preços – a ponto de ofuscar o comércio das mercadorias originais.

Desde nossa chegada, nossos carpinteiros têm providenciado uma grande cruz, com a ajuda de motosserras dos nativos. Erguemos também um altar. E agora pela manhã o Capitão arrebanhou índios, tripulantes do navio, demais autoridades, sacerdotes e habitantes dessa terra. Houve vasta cobertura televisiva. E microfones demais para uma só boca. Padre Marcelo Rossi, muito popular aqui no Brasil e especialmente convidado para dizer a missa, conduzia a cerimônia com músicas de seus CDs, com gestos dramáticos e muita alegria. De repente um helicóptero

desce defronte à praia. Dele saem o missionário R.R. Soares, o rabino de gorro ouquipá vermelho ou branco e sotaque americano, Henry Sobel, mais o pai de santo José. Passaram-me um cartão identificando-os desta forma. Cada um trouxe sua mensagem de paz e muito proveitosas falas contra a violência e agressão ao meio ambiente que é a nossa casa. Ecumenicamente exclamavam com as mãos dadas: Viva Deus! Viva Cristo! Viva Jeová! Viva Tupã! Viva Oxum, Oxossi e todos os Orixás! E que venham os mortos pela mediunidade! Viva também Alá! Viva Alá!

E viva o profeta Maomé!

Despedimo-nos, lavamos as mãos, e fomos comer.

4 No mesmo dia (23), à noite, havia uma multidão fantasiada, corpos esculturais pintados e brilhantes. Na curva da praia, além, dançavam e pulavam _ “tiravam os pés do chão” _ por mais de uma semana. Dizem que é carnaval fora de época.

De um lado do bloco, fumacinha Cannabis levantava lentamente em espiral. As bocas secas dos dançantes pediam líquido bem docinho. Mais doce que água de coco anão. Do outro lado, narizes cheiravam ecafungavam euforicamente o pó. Na balada a ária tinha muitas vozes e na cantata tomavam comprimidos brancos e coloridos até não se sentirem mais estagiários do pânico ou da viagem lírica. Vôo de pássaro de arribação, talvez sem volta. Então o Capitão fez que quatro serviçais tomassem os mais excêntricos ao colo, atravessassem a curva da praia, e os colocassem dentro de táxis para suas casas. Somente hoje (até agora) não tivemos notícia de assaltos, tiroteios e balas perdidas, motivo constante de desgraça nesta terra.

Próximo de nós, sob as luminárias, vimos garotos correndo atrás de uma bola feita com carapuças de lã. O Capitão mandou Afonso Ribeiro observá-los por bom tempo. Disseram-lhe treinar com afinco na esperança de que, mais adiante, caso um tal Felipão chegue a técnico da seleção de Portugal, terão uma chance em terra lusitana.

No dia seguinte, à tarde, depois de zarparmos trinta quilômetros, descobrimos, na entrada de uma propriedade, um agrupamento com vinte ou trinta ranchos. Alguns cobertos com plástico preto. Havia uma bandeira vermelha com a sigla MST _ alçada em aproximadamente dez metros do chão, na ponta de uma taboca-gigante. Em quase todos esses ranchos (como nas aldeias indígenas) há antenas parabólicas e tevês ligadas em noticiários e naquelas novelas tão apreciadas por nós aí na Europa.

Ouvi dizer que os filhos desses “sem terra” têm aulas de música, com maestro, e ensino fundamental dentro do acampamento. Não aceitam frequentar a escola rural da região porque sua cartilha é diferente. E ouvi dizer também que obterão cotas do governo para ingresso em faculdades. Afora o Movimento receber gorda verba federal. Que acha disso, Excelência?

5 Meu e-mail conclusivo:

Os habitantes originais desta terra são hoje pardos e mestiços. Têm no pescoço dentes de animais atados a um fio de palmeira bem trançado, ou colares urdidos com penas coloridas como de papagaios. Não me pareceram convertidos, beijando crucifixos pendentes no peito, como era desejo de D. Manuel I. Muitos usam sandálias havaianas, bermudas ou calças jeans, camisetas de malha, com inscrições em inglês e têm nos pulsos relógios de Manaus, da China, ou do Paraguai.

Alguns se enfeitam a caráter, como se índios primitivos fossem, para irem a Brasília ou a Porto Seguro, reivindicarem suas terras, seus direitos, ou se mostrarem diante das câmaras de televisão. Trazem nas mãos arcos e flechas para atingirem o relógio dos 500 anos e ameaçarem o rosto do Poder por não serem incluídos nestas festas. Também reclamam que em suas terras há muito gado, muita sojatrangênica, garimpos que devoram a Natureza e vomitam mercúrio. E muitas fazendas com campo de pouso para aviões. Além de madeiras.

Olhando do mar, Excelência, nesta terra não há mais a exuberante Mata Atlântica. Os arvoredos encolheram. Os animais, pássaros e frutos silvestres minguaram. Tenho certeza de que pau-brasil, ouro, prata e outras riquezas outrora existentes mudaram de país. E a Amazônia vai e vai, guinchada e queimada aos poucos.

Porém, a terra em si é de muito bons ares, bom clima. Querendo melhor distribuí-la e aproveitá-la (é só plantar), aqui tudo dá. As águas são muitas, não infinitas, posto que diversos leitos de rios são usados como esgoto e depósito de lixo de toda espécie. Poços artesianos e irrigação resolverão o problema do Nordeste, basta vontade política.

Contudo, o maior feito das Excelências locais me parece (que) seria salvar essa boa gente do desemprego, das balas perdidas, da violência urbana, da corrupção explícita e negada. E também salvar esse povo do mau atendimento à saúde, da escola inadequada, da carência de moradia e pão.

Desta maneira, Presidente de Portugal, dou aqui por miúdo conta e meu relato do que nesta terra vi, 500 anos depois de Cabral.

E desta cidade de Caldas Novas, a capital do turismo em Goiás, hoje, segunda-feira, 1º de maio de 2000, este último e-mail digitei _ como os quatro anteriores _ sob a ação do espírito de:

Pero Vaz de Caminha.

Ercília Macedo-Eckel é membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, sócia da União Brasileira de Escritores – GO e da Academia Petropolitana de Letras – RJ. Mestre em Letras pela UFG.